

---

## ENUNCIÇÃO

### Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRRJ

---

#### Gineceu: segregação ou integração femininas?

*Gynaecium: female segregation or integration?*

Fábio de Souza Lessa\*

 <https://orcid.org/0000-0002-4829-6651>

**Resumo:** Propomos, no presente artigo, pensar o gineceu, ambiente tradicionalmente feminino no *oikos*, não exclusivamente na sua dimensão física, mas como um espaço sociocultural de convívio especificamente feminino na Atenas clássica (séculos V e IV a.C.). Nos distanciaremos das interpretações que tratam o gineceu como uma esfera ideológica de segregação social e de gênero das esposas e filhas dos cidadãos. Defenderemos esse espaço como marcadamente de integração social dos grupos femininos. As imagens áticas pintadas em suporte cerâmico serão a documentação essencial para o presente estudo. É importante ressaltar que os textos imagéticos dialogarão com os literários de diferentes gêneros.

**Palavras-chave:** Atenas clássica; Gineceu; Imagens áticas; Mulheres atenienses.

**Abstract:** *In this article, we propose to think of the gynaecium, a traditionally feminine environment in the oikos, not exclusively in its physical dimension, but as a sociocultural space for specifically female conviviality in classical Athens (5th and 4th centuries BC). We will distance ourselves from interpretations that treat the gynaecium as an ideological sphere of social and gender segregation for the citizens' wives and daughters. We will defend this space as one marked by the social integration of female groups. The Attic images painted on ceramic*

---

\* Professor Titular de História Antiga do Instituto de História (IH) e dos Programas de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC) e de Letras Clássicas (PPGLC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Membro do Laboratório de História Antiga (LHIA) da UFRJ e Membro Colaborador do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq e Bolsista Cientista do Nosso Estado da FAPERJ. Pós-doutorando do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da Universidade de São Paulo (USP), sob a supervisão do Professor Dr. Vagner Carvalho Porto.

*support will be the essential documentation for this study. It is important to emphasize that the imagery texts will dialogue with literary texts of different genres.*

**Keywords:** *Classical Athens; Gynaecium; Attic images; Athenian women.*

## **Introdução**

Pois as mulheres têm permanecido dentro de casa por todos esses milhões de anos, de modo que a essa altura as próprias paredes estão impregnadas por sua força criadora, ...<sup>1</sup>

Neste texto, almejamos refletir sobre o gineceu como um espaço sociocultural de convívio exclusivamente feminino no mundo antigo grego, mais especificamente na Atenas do período clássico (séculos V e IV a.C.). Diferente do tradicional, não iremos defender que o gineceu tenha sido exclusivamente uma esfera ideológica de segregação social e de gênero das esposas e filhas dos cidadãos. Entenderemos esse espaço de vivência dos grupos femininos como marcadamente de integração social, assim como o *oîkos* em seu conjunto. Nosso interesse pela temática se alinha com o evidenciado na epígrafe de Virginia Woolf que inicia o presente artigo. Inspirados no texto da escritora britânica, buscaremos revelar a força criadora das esposas atenienses que se encontram impregnadas nas paredes do espaço físico do gineceu. Vale reforçar, de imediato, que concordamos com Paul Veyne, François Lissarrague e Françoise Frontisi-Ducroux<sup>2</sup> que o gineceu era menos misterioso para as mulheres que para os seus esposos que as encerravam nele.

Seguindo o conselho de Lissarrague de que devemos avançar na análise das abundantes séries de imagens que dizem respeito ao espaço doméstico das mulheres – o gineceu – nos vasos áticos do século V a.C.<sup>3</sup>, o nosso *corpus* documental será constituído essencialmente por imagens áticas pintadas em suporte cerâmico, cujo estilo é o de figuras vermelhas<sup>4</sup>. Serão duas *píxides*<sup>5</sup> e uma *hydria*<sup>6</sup>, abrangendo um recorte temporal que compreende o período entre 475 e 400 a.C.

<sup>1</sup>WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do Livro, s/d, p. 108-109.

<sup>2</sup>VEYNE, P.; LISSARRAGUE, F.; FRONTISI-DUCROUX, F. (org.). *Los Misterios del gineceo*. Madrid: AKAL, 2003, p. 15.

<sup>3</sup>LISSARRAGUE, F. “Intrusiones en el gineceo”. In: VEYNE; LISSARRAGUE; FRONTISI-DUCROUX, 2003, p. 159.

<sup>4</sup>Apresenta os elementos da decoração em tom claro, alaranjado, sobre fundo escuro.

<sup>5</sup>Vaso usado para cosméticos, pó ou joias. Às vezes, era colocado nas tumbas. Servia como caixa para artigos de toalete.

<sup>6</sup>Vaso usado para o transporte e o armazenamento de água.

Assim como também Lissarrague<sup>7</sup>, iremos nos inspirar em Terêncio, comediógrafo latino influenciado pelo grego Menandro, para caracterizarmos esse espaço feminino que é o gineceu. O comediógrafo latino adjetiva o gineceu como lugar das mulheres, a parte interior, ou, ainda, o local onde se pode fechar com chaves<sup>8</sup>. Homero, no século VIII a.C., já havia enfatizado o espaço interior do *oïkos* como feminino ao fazer Telêmaco ordenar que sua mãe, Penélope, retornasse aos seus aposentos: “Ela, por seu lado, regressou espantada para a sua sala” - *oïkónde*<sup>9</sup>. Posteriormente, Xenofonte, no *Econômico*, confirma tal posição ao afirmar que o quarto de dormir deve ficar em lugar seguro e que o aposento das mulheres é separado do dos homens por uma porta com trava<sup>10</sup>.

Mas, afinal de contas, em que consiste o espaço do gineceu? É um espaço físico, é puramente ideológico ou é uma construção sociocultural? Passemos a tal reflexão, tendo por propósito questionar, assim como fizemos em pesquisas anteriores<sup>11</sup>, a ideia de uma rígida reclusão feminina, fruto de uma leitura muitas vezes não tão crítica de alguns textos antigos. Lissarrague salienta que “no debate moderno sobre o estatuto das mulheres na Grécia, e particularmente em Atenas, um dos pontos que levanta as mais vivas controvérsias é precisamente o do encerramento”<sup>12</sup>.

### **O gineceu como espaço feminino**

Podemos afirmar que uma quantidade significativa de textos literários e imagéticos fazem referências ao espaço do gineceu. Logo, esta é uma temática que foi de interesse recorrente também no mundo antigo. No que se refere aos textos literários, Nadine Bernard corrobora tal afirmação ao mencionar que a literatura grega fala bastante das mulheres, inclusive em termos fortes<sup>13</sup>.

Não podemos esquecer que o mundo contemporâneo também se debruçou sobre esse espaço físico que é essencialmente o da esfera do privado. Michelle Perrot, no seu *História*

<sup>7</sup>*Ibidem*.

<sup>8</sup>TERÊNCIO. *Formião*, v.862; *Eunuco*, vv. 579 e 583.

<sup>9</sup>Tradução de Frederico Lourenço (2018). HOMERO. *Odisseia*, I, vv. 355-360.

<sup>10</sup>XENOFONTE. *Econômico*. IX, 3-5.

<sup>11</sup>LESSA, F.S. *Mulheres de Atenas: Méliissa do gineceu à agora*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010; LESSA, F. S. *O feminino em Atenas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2004.

<sup>12</sup>LISSARRAGUE, F. “A figuração das mulheres”. In: DUBY, G.; PERROT, M. *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1990, p. 241.

<sup>13</sup>BERNARD, N. *Femmes et société dans la Grèce classique*. Paris: Armand Colin, 2003, p. 7.

*dos quartos*, salienta o quarto como espaço do íntimo e da vida familiar; sendo, por excelência o lugar das mulheres. Dessa forma, o quarto representaria uma espécie de clausura, identificada com a própria feminilidade e com a ideia de proteção<sup>14</sup>.

Antes de prosseguirmos, é conveniente mencionar que há uma vasta discussão teórica sobre o conceito de espaço<sup>15</sup>. Aqui não será a nossa proposta aprofundar tal questão. Porém, vale realçar que entendemos espaço, semelhante a Michel de Certeau, como um *lugar praticado*, como o efeito produzido pelas práticas que o orientam<sup>16</sup>. E o gineceu é exatamente esse espaço praticado pelos grupos femininos. Em sentido semelhante, Marc Augé entende o espaço como expressão da identidade do grupo, devendo ser definido por este para que a linguagem da identidade conserve um sentido<sup>17</sup>. Conceber o espaço para além do seu caráter puramente físico tem sido uma constante nos trabalhos mais atuais nas ciências humanas em geral. Annapaola Zaccaria-Ruggiu caminha em mesmo sentido ao sustentar que espaço não constitui uma realidade indiferenciada, definida simplesmente em termos quantitativos de grandeza. Reforça ainda que ele está intimamente ligado às atividades essenciais da vida e à realidade, além da natureza da comunidade. Pelo apresentado, a especialista concluiu que o espaço se torna social, isto é, socialmente utilizável, se projetando com finalidades e valores de ordem social, política e cultural<sup>18</sup>. A concepção de espaço como apropriação da sociedade também se faz presente nos trabalhos dos geógrafos. Para Marcelo Lopes de Souza, “pode-se entender o espaço social como aquele que é apropriado, transformado e produzido pela sociedade”<sup>19</sup>. Milton Santos já havia chegado a tal conclusão quando ponderou que “... a essência do espaço é social”<sup>20</sup>, o considerando como uma categoria relacional, não absoluta e autônoma<sup>21</sup>.

<sup>14</sup>PERROT, M. *História dos quartos*. São Paulo: Paz & Terra, 2009, p. 16, 23, 131 e 132.

<sup>15</sup>Para uma análise mais vertical sobre o conceito de espaço, consultar: LEFEBVRE, H. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 2000; SOJA, E. W. *Geografias Pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

<sup>16</sup>CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 202.

<sup>17</sup>AUGÉ, M. *Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade*. Campinas/SP: Papirus, 1994, p. 33-38.

<sup>18</sup>ZACCARIA-RUGGIU, A. *Spazio Privato e Spazio Pubblico nella Città Romana*. Roma: École Française de Rome, 1995, p. 10.

<sup>19</sup>SOUZA, M. L. *Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013, p. 22.

<sup>20</sup>SANTOS, M. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: EDUSP, 2008, p. 12.

<sup>21</sup>Ver: HIRATA, E. F. V. “A espacialidade do poder na Cidade Grega Antiga”. In: *Revista Maracanan*. Rio de Janeiro: UERJ, v. 9, 2013, p. 106.

Em suas reflexões clássicas sobre espaço social, Henri Lefebvre destaca que o tempo está inscrito no espaço e que a arquitetura busca construir um espaço significativo. Para tal propósito, segundo ele, a forma assume, para a função, relação similar à que podemos estabelecer entre o significante e significado. Em síntese, a forma diz a função, a declara<sup>22</sup>. Podemos pensar que a forma – gineceu – diz a função – exercícios de atividades domésticas, reclusão.

Sustentamos que espaço e prática social se encontram intimamente associados. Em seu mais recente livro, Lise C. Nevett defende que a casa não é tão somente uma construção; ela, na cultura ocidental, é profundamente uma estrutura simbólica, assim como foi no mundo antigo grego. É claro que devemos ter o cuidado de não achar que essa associação se dava da mesma forma que a nossa. É instigante que a helenista reforce que as palavras para “casa” (*oikía*) e para “doméstico” (*oîkos*) estão intimamente relacionadas e, de certa forma, parece ter incorporado a sobrevivência e a continuidade do lar, transcendendo gerações individuais de vidas humanas<sup>23</sup>.

Aqui não iremos discutir a arquitetura do espaço doméstico<sup>24</sup>, mas convém pontuarmos algumas informações relevantes. Normalmente a temática é abordada a partir da dicotomia público *versus* privado<sup>25</sup>, natureza *versus* cultura, almejando legitimar a separação e a hierarquização das esferas espaciais, como salienta Nadine Bernard<sup>26</sup>. Porém, conforme vimos apontando, a documentação iconográfica e a cultura material no seu conjunto têm permitido aos estudiosos colocar em xeque esse reducionismo. Lisa Nevett chama atenção para o fato de que uma leitura superficial dos textos antigos sugere que a elite masculina ateniense construiu a casa como domínio feminino em contraste com a esfera pública, comumente representada como masculina<sup>27</sup>. Ela reforça, outrossim, que o próprio edifício físico também foi concebido como central para a identidade do chefe de família (masculino) e para o bem-estar da família<sup>28</sup>.

<sup>22</sup>LEFEBVRE, 2000, p. 114, 168-169.

<sup>23</sup>NEVETT, L. C. *Ancient Greek Housing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2023, *passim* (cap. 1).

<sup>24</sup>LESSA, 2010, p. 44-55; LESSA, 2004, p. 158-164.

<sup>25</sup>Há uma probabilidade de que as mulheres pudessem se locomover pelos espaços públicos com maior liberdade durante o dia. Cf. p. 23 de GUIMARÃES NETO, E. M. “Uma análise da vida cotidiana e dos espaços domésticos de Atenas (séc. VI-IV a.C.)”. In: *Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos*. Vitória: UFES, n. 11, 2018, p. 20-42.

<sup>26</sup>BERNARD, 2003, p. 2.

<sup>27</sup>Frequentemente, a única atuação de domínio público reservada às esposas era a religiosa. Tal postura já vem sendo revista há algumas décadas. Para a atuação feminina na religião, ver: DILLON, M. *Girls and women in Classical Greek religion*. London; New York: Routledge, 2002.

<sup>28</sup>NEVETT, 2023.

Podemos reforçar que as imagens, por exemplo, oferecem elementos suplementares para a análise da arquitetura dos espaços femininos da casa. Há um conjunto expressivo de vasos femininos que apresenta cenas de interior reunindo unicamente mulheres, como os que analisaremos na sequência. Mais do que isolar as mulheres do convívio masculino, “a arquitetura das residências atenienses sugere um grande empenho em isolar o mundo do interior do *oîkos* daquele da cidade que estava além de suas paredes”<sup>29</sup>.

No decorrer da década de 1990, helenistas como Michael Jameson, Marilyn Y. Goldberg e Lisa C. Nevett<sup>30</sup> já haviam apresentado teses que desconstruíram a leitura da arquitetura doméstica a partir da bipolaridade espacial rígida e da segregação por gênero tão propagada nos textos antigos<sup>31</sup>, em especial no *Econômico* de Xenofonte, que proporcionou uma imagem fixa, fortemente ideologizada<sup>32</sup>. Neste momento vale citar Janett Morgan quando destaca que, para que possamos dar voz às silenciosas residências helênicas, adicionamos os textos literários atenienses à análise da cultura material, e assim podemos construir uma única narrativa para a domesticidade clássica. Porém, ao combinarmos os nossos documentos, ignoramos verdadeiramente que as visões oferecidas pelos textos literários e pela arqueologia não são as mesmas<sup>33</sup>. Particularmente, salvaguardando os cuidados necessários ao tratamento de documentos de naturezas diversificadas<sup>34</sup>, entendemos ser salutar a interação entre as informações advindas entre os textos escritos e os da cultura material, sempre tendo o cuidado de não subordinar um ao outro.

O que se observava na organização física da casa era, segundo Lisa Nevett, a necessidade de afastar dos membros do grupo doméstico, essencialmente as mulheres,

<sup>29</sup>GUIMARÃES NETO, 2018, p. 21.

<sup>30</sup>JAMESON, M. H. “Domestic Space in the Greek City-State”. In: KENT, S. *Domestic Architecture and the use of space*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993; GOLDBERG, M. Y. “Spatial and Behavioural Negotiation in Classical Athenian City Houses”. In: ALLISON, P. M. *The Archaeology of Household Activities*. London and New York, 1999; NEVETT, L. C. *House and Society in the Ancient Greek World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. Posteriormente, em 2010, temos: NEVETT, L. C. *Domestic space in classical Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

<sup>31</sup>MORGAN, J. *The classical Greek house*. Sale: Bristol Phoenix Press, 2010, p. 117-142.

<sup>32</sup>Ver: LISSARRAGUE, 2003, p. 159.

<sup>33</sup>MORGAN, 2010, p. 7-8.

<sup>34</sup>J. Morgan alerta para o cuidado que devemos tomar, pois a vasta maioria dos textos literários, ao ser combinada com a evidência material, é ateniense, em se tratando sobretudo do período clássico. “Eles descrevem pessoas atenienses, lugares atenienses e comportamentos atenienses”, e as *póleis*, como sabemos, eram diferentes. Não podemos incorrer no equívoco de ler todas as residências através do filtro da vida ateniense, ignorando as possibilidades de existência de diferenças regionais no relacionamento entre as casas e sua comunidade. *Ibidem*, p. 7.

aqueles que não pertenciam ao espaço exclusivo de convivência familiar. Nota-se que não se buscava uma separação indiscriminada dos membros da família pelas diferenças de sexo, mas tão somente entre os visitantes e a intimidade doméstica. Ou seja, estamos falando de um contraste entre família e estranhos ao grupo doméstico<sup>35</sup>. A helenista propõe entender a existência de uma área específica masculina da casa, não como uma parte de um equilibrado modelo de oposição entre gêneros, mas como uma indicação de algo mais complexo, envolvendo um distanciamento feminino daqueles homens estranhos à família. Em linhas gerais, a autora defende que “...havia um conceito partilhado de *oîkos*, envolvendo padrões comuns de relações sociais e modelos de comportamento, incluindo um desejo de regular o contato entre os membros da casa e os visitantes, ...”<sup>36</sup>.

Dessa forma, Nevett apresenta uma conotação para o termo *gunaiikon* como presumivelmente referente à área familiar da casa, onde os hóspedes não costumavam circular<sup>37</sup>.

M. Jameson já havia sinalizado para o fato de que não podemos negar que os padrões de uso dos espaços da casa não fossem distintos entre os gregos antigos, mas que isso não implicava na defesa de que a arquitetura da casa reproduzisse as distinções social e simbólica entre os dois gêneros<sup>38</sup>.

A partir do que vimos salientando, assumimos uma posição semelhante à de Marilyn Goldberg de que a estrutura física da casa grega é um lugar de integração, em especial das mulheres, havendo negociação de normas e espaços entre os indivíduos. Logo, as casas atenienses eram espaços onde as mulheres interagiam mutuamente, assim como com os homens e as normas sociais<sup>39</sup>. Podemos afirmar que “assim como os homens, as mulheres também estavam unidas entre si e com outros grupos ...”<sup>40</sup>.

Vale ressaltar que esses estudos mais recentes sobre as residências helênicas têm focado seus interesses na tentativa de ver o ambiente da casa como um espaço vivido, para além da estrutura arquitetônica, buscando a compreensão de como o arranjo de

---

<sup>35</sup>Vale destacar que a arquitetura da casa oferecia poucas chances de alguém entrar e sair de uma residência sem ser visto. GUIMARÃES NETO, 2018, p. 23. Não devemos nos esquecer que, à exceção do *andrôn*, todos os espaços na residência grega são integrados. BERNARD, 2003, p. 69.

<sup>36</sup>NEVETT, 1999, p. 109-110 e 155. Ver: LESSA, 2004, p. 158-164.

<sup>37</sup>NEVETT, 1999, p. 155.

<sup>38</sup>JAMESON, 1993, p. 104.

<sup>39</sup>GOLDBERG, 1999, p. 143.

<sup>40</sup>GUIMARÃES NETO, 2018, p. 24.

quartos, artefatos e decoração pode ter sido projetado para facilitar tipos particulares de relações sociais<sup>41</sup>.

Passemos à análise das imagens pintadas em suporte cerâmico que selecionamos. Reforçamos que a temática gineceu é frequente nas figuras vermelhas desde o final do período arcaico (séculos VIII ao VI a.C.)<sup>42</sup>. Há um consenso de que as formas mais comuns onde as cenas de gineceu foram pintadas são as *hydríai*, *píxides*, alabastros e léцитos<sup>43</sup>.

### O gineceu em imagens

De imediato, podemos reforçar que o estudo do espaço arquitetônico das residências atenienses e do gineceu, mais especificamente, se concentra em um grupo específico, o das mulheres. Mas não o das mulheres em geral, e sim o das esposas dos cidadãos atenienses abastados. O que predomina nesse conjunto rico de vasos áticos é presença de poucos homens em cena e das personagens femininas em pleno exercício das atividades domésticas. Frente à excepcionalidade da presença masculina no gineceu, abundam cenas de convívio coletivo de mulheres e de crianças<sup>44</sup>.

Em um inventário dos elementos frequentes que evocam o gineceu nas imagens áticas, temos os seguintes signos: colunas, portas, cofres, vasos, tear, rocas, cestos de lã – *kálathos*<sup>45</sup>, espelhos. No caso das cenas que analisaremos, predominam colunas, roca, fuso, mobília (cadeiras de encosto elevado, suporte para pés e bancos), *kálathoi*, espelhos, caixas e faixas de pano.

Na *pýxis* do pintor de Filadélfia – Figura 1 – temos uma cena clássica de interior, datada da segunda metade do século V a.C. A presença de coluna, mobília e instrumentos para a

<sup>41</sup>NEVETT, 2010, p. 5.

<sup>42</sup>O método semiótico proposto por Claude Calame para as imagens pressupõe:

1º. verificar a posição espacial dos personagens, dos objetos e dos ornamentos em cena;

2º. fazer um levantamento dos adereços, mobiliário, vestuários e os gestos, estabelecendo um repertório dos signos;

3º. observar os jogos de olhares dos personagens.

3.1 perfil: o receptor da mensagem do vaso não está sendo convidado a participar da ação. Neste caso, o personagem deve servir como exemplo para o comportamento do receptor;

3.2 três quartos: o personagem que olha tanto para o interior da cena quanto para o receptor está possibilitando, a este último, participar da cena;

3.3 frontal: personagem convida o receptor a participar da ação representada.

CALAME, Claude. *Le Récit en Grèce Ancienne: Enonciations et Representations de Poètes*, Paris: Meridiens Klincksieck, 1986.

<sup>43</sup>LISSARRAGUE, 2003, p. 159.

<sup>44</sup>*Ibidem*, p. 165-166.

<sup>45</sup>Sobre a arte de tecer, consultar: LESSA, 2004, p. 44-50.

tecelagem atestam tal afirmação. É também uma cena que desconstrói a ideia de isolamento feminino e do silêncio, principal virtude feminina eternizada por Sófocles<sup>46</sup>, Tucídides<sup>47</sup> e Aristóteles<sup>48</sup>, por exemplo.

Na cena, contamos com seis personagens femininas certamente bem-nascidas<sup>49</sup>, organizadas em duplas, e realizando atividades vinculadas ao processo da tecelagem, atividade exclusivamente feminina no mundo antigo grego. Defendemos que a cena se desenvolve em um mesmo quadro espaço-temporal, ou seja, que as personagens estão juntas e interagindo.

A personagem feminina à direita da coluna, recém-chegada, oferece um longo filete (faixa) à outra mulher que se encontra sentada em uma cadeira de encosto elevado e recebe em troca uma flor (Face A). O filete tem uma relação direta com a tecelagem<sup>50</sup>, haja vista o *kálathos* posicionado ao seu lado. A presença da flor nos remete aos perfumes, que funcionavam como um reforço às imagens que produzem para o receptor o significado de sedução, presença do invisível e mudança de estado<sup>51</sup>.

Os jogos de olhares das personagens em perfil indicam que a comunicação estabelecida entre as personagens é interna, devendo a imagem ser um exemplo a ser seguido pelos receptores. Segundo Claude Calame, este é o tipo de representação mais comumente encontrado nos vasos do período clássico<sup>52</sup>.

---

<sup>46</sup>SÓFOCLES. *Ájax*, v. 405.

<sup>47</sup>TUCÍDIDES. II, 45.

<sup>48</sup>ARISTÓTELES. *Política*, 1260a.

<sup>49</sup>LESSA, 2010, p. 27-42.

<sup>50</sup>De acordo com Dyfri Williams, a roca se constituiu num símbolo literário de uma esposa bem-nascida, sendo isso apropriado pelos pintores, o que explica o fato de encontrarmos um número significativo de vasos cuja temática apresenta esposas fiando e tecendo. Ver: WILLIAMS, D. "Women on Athenian bases: Problems of interpretation". In: CAMERON, A.; KUHRT, A. *Images of women in Antiquity*. London and Sydney: Croom Helm, 1984, p. 94; LESSA, F. S. "Comportamento feminino e vida cotidiana no gineceu". In: *Phoînix*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998, p. 187.

<sup>51</sup>LALLEMAND, A. "Le Parfum Comme Signe Fabuleux dans le Pays Mythiques". In: JOUAN, François; DEFORGE, Bernard (ed.). *Peuples et Pays Mythiques*. Paris: Belles Lettres, 1988, p. 73-79.

<sup>52</sup>CALAME, 1986, p. 101.

**Figura 1****Face A****Face B****Face C****Face D**

Localização: New York, Metropolitan Museum – inv. 06.1117, Temática: Cena de gineceu/atividades domésticas, Proveniência: Atenas, Forma: *pyxis*, Estilo: Figuras Vermelhas, Pintor: Filadélfia 2449 (por Beazley), Data: aprox. 450-400 a.C., Indicação Bibliográfica: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/247535>; [www.beazley.ox.ac.uk/index.htm](http://www.beazley.ox.ac.uk/index.htm) (vaso number 210088 - consultado em agosto de 2023).

As personagens vestem *chiton* e *himation* de cores claras e plissados. De acordo com Sarah Pomeroy, as vestimentas femininas serviam para ocultá-las das observações masculinas<sup>53</sup>. Os pés estão descalços, os cabelos estão amarrados atrás com fitas e/ou cobertos por um pedaço de tecido. Aparecem em cena sentadas numa cadeira de encosto

<sup>53</sup>POMEROY, S. *Diosas, ramerias, esposas y esclavas: Mujeres en la Antigüedad Clásica*. Madrid: Akal, 1987, p. 101.

elevado ou em pé e possuem a cor da pele clara; um signo da reclusão feminina no gineceu. Atrás da personagem sentada junto à coluna, outra mulher caminha em direção a uma mulher também sentada segurando um colar (Face B). Recordamos que as joias usadas pelas esposas se constituem em signos não tão somente de posição social e riqueza, mas também expressam uma possível transgressão ao comportamento de recato e de discrição, que remetem à sedução.

Duas mulheres trabalham com lã (Faces C e D). Uma delas está com uma roca na mão esquerda. Do novelo de lã enrolado, ela puxa um pedaço de fibras e as torce em fios com a mão direita, girando o longo fuso que está pendurado sobre uma cesta de lã (FaceD). A outra personagem está sentada com uma perna apoiada e a vestimenta levantada acima do joelho. Ela, aparentemente, está enrolando a lã em uma meada e passando o fio pela perna para evitar que ela emaranhe.

Temos nas cenas algumas das etapas do processo de tecelagem, que, vale lembrar, é uma atividade que pressupõe um grupo para realizá-la e um certo grau de divisão de trabalho. Em grupo, as esposas no gineceu interagiam e trocavam entre si informações. Logo, mais do que um espaço de segregação, o gineceu pode ser entendido como um *locus* privilegiado também para a integração dos grupos femininos, conforme temos defendido<sup>54</sup>.

Na próxima imagem, representada em uma *hydría* – Figura 2 –, temos três personagens femininas no gineceu. A interioridade da cena é assegurada pela coroa e as fitas penduradas na parede, além da cadeira de encosto elevado onde a protagonista da cena está sentada. Certamente, a esposa legítima do *oïkos*. Mais uma vez a representação é em perfil, limitando a comunicação ao ambiente interno. Observamos uma compenetração das atividades cotidianas desenvolvidas e uma interação entre as personagens atestada pelos gestos entre elas. Não é possível identificar com clareza o status das personagens de pé, mas verificamos que elas estão ricamente vestidas. Uma porta um *sakkós* na cabeça, e a outra, que se encontra em frente à esposa, usa o cabelo preso com fita.

---

<sup>54</sup>Para a relação entre tecelagem e comunicação, ver: LESSA, F. S. “Expressões do Feminino e a arte de tecer tramas na Atenas Clássica”. In: *Hvmanitas*. Coimbra, Universidade de Coimbra, v. 63, 2011, p. 143-156.

**Figura 2**

Localização: Ferrara, Museo Nazionale di Spina – inv. T350BVP, Temática: Cena de gineceu/cena doméstica, Proveniência: Espina, Itália, Forma: *hydria*, Estilo: Figuras Vermelhas, Pintor: Kleophon (por Beazley), Data: 450-400 a.C., Indicação Bibliográfica: [www.beazley.ox.ac.uk/index.htm](http://www.beazley.ox.ac.uk/index.htm) (vaso number 215204 - consultado em agosto de 2023).

Se o espaço social, como anteriormente defendemos, resulta de uma apropriação, transformação e produção da sociedade, o gineceu, pelos indícios apresentados pelos pintores áticos, pode ser lido como um *locus* privilegiado para pensarmos sobre construção de identidades de grupo e de interações. As esposas juntas de outras mulheres – amigas, mães, irmãs, cunhadas, sogras, amas etc. – criavam oportunidades para se inteirarem dos assuntos familiares e políades e formarem redes sociais femininas<sup>55</sup>. Entre as três personagens na imagem pintada na *hydria* há interação, fala, trocas de informações e transmissão de uma *paideia* feminina. Por mais que as atividades representadas na imagem

<sup>55</sup>LESSA, 2004.

também façam referências ao universo das atividades domésticas, o que é usual e reforça a noção de reclusão das esposas, há claramente elementos que desconstróem o gineceu como esse lugar ideológico de submissão feminina. Além das trocas de informações sobre as quais fizemos alusões, há ainda um signo que merece atenção especial, a saber: o espelho.

O espelho é um instrumento exclusivamente feminino, é o amigo, o confidente que reflete sua beleza e ajuda nos preparativos da sedução, segundo Françoise Frontisi-Ducroux<sup>56</sup>. Ele é ainda signo de identidade e alteridade, isto porque o olhar, via o espelho, corresponde a um reconhecimento de si mesma e do *outro*. À medida que se olhavam no espelho, as esposas se reconheciam e identificam a alteridade<sup>57</sup>.

A situação de convívio social e interação femininas se repete na cena pintada na *pýxis* abaixo – Figura 3 –, datada do século V a.C. e atribuída por Beazley ao pintor de Londres E777. Mais uma vez contamos com o esquema cênico doméstico e com a presença de seis personagens. De acordo com o British Museum, trata-se de uma cena de toailete, mas há signos que remetem à tecelagem, como o *kálathos* e a própria lâ.

No caso dessa cena, a identificação do *status* social das personagens femininas se torna mais fácil devido à presença de inscrições com os adjetivos *kálos* e *kále* – belo, bela. Para além da possível alusão do pintor à beleza física das mulheres representadas, a presença das inscrições pode evidenciar a condição social de bem-nascidas das personagens.

Defendemos que a cena se passa no mesmo quadro espaço-temporal, isto é, que as personagens estão juntas interagindo. A disposição espacial das personagens é em dupla, apesar de que a interação entre as duplas somente acontece na cena central. A impressão é de que as demais duplas observam a dupla central.

---

<sup>56</sup>FRONTISI-DUCROUX, F. “El sexo de la mirada. In: VEYNE; LISSARRAGUE; FRONTISI-DUCROUX, 2003, p. 253.

<sup>57</sup>Para a relação entre mulheres, espelho e sedução, ver: LESSA, 2004, p. 27-33.

**Figura 3**

Localização: Londres, British Museum – inv. 1848.0802.2, Temática: Cena de toailete/gineceu/atividades domésticas, Proveniência: Não fornecida, Forma: *pyxis*, Estilo: Figuras Vermelhas, Pintor: Londres E 777 (por Beazley), Data: aprox. 475-425 a.C., Indicação Bibliográfica: [https://www.britishmuseum.org/collection/object/G\\_1848-0802-2](https://www.britishmuseum.org/collection/object/G_1848-0802-2); [www.beazley.ox.ac.uk/index.htm](http://www.beazley.ox.ac.uk/index.htm) (vaso number 212725 - consultado em agosto de 2023).

No que se refere aos tipos de representação, há uma diferença entre os olhares e os corpos. Os jogos de olhares são todos em perfil, indicando que a mensagem circula somente no interior da cena e que essa se constitui em um exemplo a ser seguido pelos receptores. Quanto aos corpos, observamos que a opção foi pela representação em frontal. Assim, os corpos podem estabelecer uma comunicação direta com o público receptor.

Na cena central, ao lado de um *diphros* (banco), sobre o qual repousa um manto dobrado, estão duas mulheres; a da direita está de frente, mas olha para a esquerda, pegando com a mão direita um alabastro que está pendurado na parede; a da esquerda olha para ela, levantando com a mão esquerda a barra da vestimenta, tendo a direita apoiada no quadril. Ela usa um *sakkós*, e ambas as personagens vestem um *chiton* longo e amarrado.

De cada lado dessa dupla há uma mulher usando *sakkós* e *chítón* longo que se afasta, olhando para trás e pressionando uma das mãos no peito. A mulher da direita tem um manto que cobre um dos braços, e a outra estende o braço direito. À sua direita está enfeitada uma fita com longos cordões roxos em cada extremidade.

À esquerda está outro *díphros*, à esquerda do qual está uma mulher de *sakkós* e *chítón* longo, que fica de frente, olhando para a direita, no ato de dobrar com os dois braços um manto que segura sobre o corpo. À sua esquerda está pendurada uma possível rede de cabelo. À esquerda, uma mulher com um longo *chítón* fica à direita, com a esquerda apoiada no quadril, e olha para a esquerda, deixando cair a lã da mão direita em um alto *kálathos*.

Os indícios com os quais trabalhamos nos permitem defender que a arqueologia não evidencia sinais de segregação no gineceu. Aliás, a partir das pesquisas de Paul Veyne, Perrot conclui que o gineceu foi uma noção fabricada pelo século XIX, a partir do termo grego *gynaikeion*<sup>58</sup>. Ela ainda afirma que as mulheres possuíam uma circulação difusa pela residência, haja vista seus objetos se encontrarem espalhados pelo espaço físico da casa. Tais informações caminham no sentido de desconstruir o gineceu como um espaço físico fortemente demarcado pela reclusão e a concebê-lo mais como uma construção ideológica.

## Conclusão

Defendemos que o *oîkos* se constituiu em um lugar de integração social para os diferentes membros da comunidade ateniense e que a tão frequente distinção entre a esfera masculina e a feminina é da ordem do conceitual, se afirmando mais nos comportamentos do que nos espaços físicos das residências. Mais do que propriamente espaço físico de segregação e reclusão femininas, o gineceu se constituiu em lugar de simbologia do discurso da dominação masculina tão presente nos textos antigos, seja nos literários ou nos advindos da cultura material. Porém, nos três vasos áticos que analisamos, por exemplo, mais que segregação, o que verificamos foi integração social. Seja convivendo entre parentes, amigas ou amas, o que os indícios arqueológicos revelam é a convivência coletiva no interior do *oîkos*, a possibilidade de romper com o silêncio e a troca de informações entre os grupos femininos. Assim, o que buscamos foi entender o gineceu como lugar praticado, de vivência

---

<sup>58</sup>PERROT, 2009, p. 134.

de experiências plurais femininas. Espaço sociocultural de convivência mútua das mulheres e delas com os grupos masculinos próximos da família. Sob essa ótica, o gineceu expressava a negociação entre o conhecido e o desconhecido.

Mesmo que tudo concorresse para encerrar as esposas no gineceu, entendemos que elas criavam oportunidades de agir socialmente e de distanciamento da tão propagada segregação por gênero. Por fim, sem negar a ideologia da dominação feminina entre os gregos antigos, o que intencionamos foi retirar o gineceu e a própria condição feminina de uma ótica dolorosa<sup>59</sup>.

### **Referências bibliográficas:**

- ARISTÓTELES. *Política*. Trad. Mário da G. Kury. Brasília: UnB, 1988.
- AUGÉ, M. *Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade*. Campinas/SP: Papirus, 1994.
- AULT, B. A.; NEVETT, L. C. *Ancient Greek Houses and Household: Chronological, regional and social diversity*. Pennsylvania: University of Pennsylvania, 2005.
- BERNARD, N. *Femmes et société dans la Grèce classique*. Paris: Armand Colin, 2003.
- BRISSON, L. *Le sexe incertain: Androgynie et hermaphrodisme dans l'Antiquité gréco-romaine*. Paris: Les Belles Lettres, 2008.
- CALAME, Claude. *Le récit en Grèce Ancienne: Enonciations et representations de poètes*, Paris: Meridiens Klincksieck, 1986.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- FRONTISI-DUCROUX, F. "El sexo de la mirada". In: VEYNE, P.; LISSARRAGUE, F.; FRONTISI-DUCROUX, F. (org.). *Los Misterios del gineceo*. Madrid: AKAL, 2003, p. 201-275.
- GOLDBERG, M. Y. "Spatial and behavioural negotiation in Classical Athenian City Houses". In: ALLISON, P. M. *The archaeology of household activities*. London and New York, 1999.
- GUIMARÃES NETO, E. M. "Uma análise da vida cotidiana e dos espaços domésticos de Atenas (séc. VI-IV a.C.)". In: *Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos*. Vitória: UFES, n. 11, 2018, p. 20-42.

<sup>59</sup>LISSARRAGUE, 2003, p. 160.

HIRATA, E. F. V. “A espacialidade do poder na cidade grega antiga”. In: *Revista Maracanan*. Rio de Janeiro: UERJ, v. 9, 2013, p. 104-117.

HOMERO. *Odisseia*. Trad. Frederico Lourenço. Lisboa: Quetzal, 2018.

JAMESON, M. H. “Domestic space in the Greek City-State”. In: KENT, S. *Domestic architecture and the use of space*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LESSA, F. S. *Mulheres de Atenas: Méliissa do gineceu à agora*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

\_\_\_\_\_. “Expressões do Feminino e a arte de tecer tramas na Atenas Clássica”. In: *Hymnitas*. Coimbra, Universidade de Coimbra, v. LXIII, 2011, p. 143-156.

\_\_\_\_\_. *O feminino em Atenas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2004.

\_\_\_\_\_. “Comportamento feminino e vida cotidiana no gineceu”. In: *Phoênix*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998, p. 181-193.

LEWIS, S. *The Athenian Woman: An iconographic handbook*. London and New York: Routledge, 2002.

LISSARRAGUE, F. “Intrusiones en el gineceo”. In: VEYNE, P.; LISSARRAGUE, F.; FRONTISI-DUCROUX, F. (org.). *Los misterios del gineceo*. Madrid: AKAL, 2003, p. 157- 198.

\_\_\_\_\_. “A figuração das mulheres”. In: DUBY, G.; PERROT, M. *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1990, p. 203-271.

LALLEMAND, A. “Le Parfum Comme Signe Fabuleux dans le Pays Mythiques”. In: *Peuples et Pays Mythiques*. Paris: Belles Lettres, 1988.

MORGAN, J. *The classical Greek house*. Sale: Bristol Phoenix Press, 2010.

NEVETT, L. C. *Ancient Greek Housing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2023. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Ancient-Greek-Housing-English-Nevett-ebook/dp/B0BZJGGFN6?asin=B0BZJGGFN6&revisionId=9dfbcee4&format=1&depth=1> . Acesso em: ago. 2023.

\_\_\_\_\_. *Domestic space in classical Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

\_\_\_\_\_. *House and Society in the Ancient Greek World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

\_\_\_\_\_. “Separation or Seclusion? Towards an archaeological approach to investigating women in the Greek household in the fifth to third centuries BC”. In: PEARSON, M. P.; RICHARDS,

C. *Architecture and order: Approaches to social space*. London: Routledge, 1997.

PERROT, M. *História dos quartos*. São Paulo: Paz & Terra, 2009.

POMEROY, S. *Diosas, ramerias, esposas y esclavas: Mujeres en la Antigüedad Clásica*. Madrid: Akal, 1987.

TERÊNCIO. “O Eunuco”. Trad. Nahim S.C. Silva. In: SILVA, N.S.C. *Eunuchus de Terêncio: estudo e tradução*. São Paulo: PPGLC-USP, 2009 (Dissertação de Mestrado).

\_\_\_\_\_. *Formião*. Trad. Aires Pereiro do Couto. Lisboa: Edições 70, 1999.

TUCÍDIDES. Trad. Mário da G. Kury. Brasília: UnB, 1987.

SANTOS, M. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: EDUSP, 2008.

Recebido em: agosto de 2023  
Aprovado em: setembro de 2023